

## CONHECIMENTO TRADICIONAL DOS CAÇADORES DE PEDRA LAVRADA (PARAÍBA, BRASIL) SOBRE OS RECURSOS FAUNÍSTICOS CAÇADOS

MARCELA M. RAMOS<sup>1</sup>, JOSÉ DA SILVA MOURÃO<sup>2</sup> & STEPHENSON H. F. ABRANTES<sup>3,4</sup>

<sup>1,2</sup>Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Rua Juvêncio Arruda, Campos Universitário do Bodocongó, 58109-790, Campina Grande, Paraíba (marcelabio@gmail.com, tramataia@gmail.com)

<sup>1,3</sup>Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Museu Paraense Emílio Goeldi, Universidade Federal do Pará, Av. Perimetral, 1901/1907, Terra Firme, Caixa Postal 399, 66017-970, Belém, Pará (stephensonabrantess@yahoo.com.br)

<sup>4</sup>Endereço atual: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Patos, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Unidade Acadêmica de Ciências Biológicas, Caixa Postal 64, 58700-970, Patos, Paraíba

**(Conhecimento tradicional dos caçadores de Pedra Lavrada (Paraíba, Brasil) sobre os recursos faunísticos caçados)** – Este trabalho foi desenvolvido junto aos caçadores do Município de Pedra Lavrada, Paraíba, Brasil. O objetivo foi estudar o conhecimento dos caçadores sobre a biologia e ecologia dos recursos faunísticos. A metodologia utilizada envolveu as seguintes técnicas: bola de neve, turnês guiadas, observação direta, entrevistas livres e semi-estruturadas realizadas com 28 informantes-chave. Resultados mostram que a maioria dos caçadores entrevistados é jovem, generalistas (53,6%), moradores da zona urbana (57,9%). As técnicas de caça mais utilizadas foram: com cachorro (n=18) e com armadilha (n=18). Dos recursos faunísticos mais caçados, a lambu, a arribaçã e a rolinha representaram 82,1%, enquanto os tatus peba, verdadeiro e carrasco representaram 67,8% da preferência. Os entrevistados revelaram detalhes sobre dimorfismo sexual, utilização de habitat e hábitos alimentares dos principais itens caçados, mostrando-se grandes conhecedores dos aspectos biológicos e ecológicos dos recursos faunísticos caçados.

**Palavras-chave:** Etnoecologia, caçadores, recursos faunísticos.

**(Traditional knowledge that the hunters from Pedra Lavrada (Paraíba, Brazil) have about game species)** – This work was developed along with the hunters of Pedra Lavrada (Paraíba, Brazil). The aim was tracing a profile of the hunters and studying their knowledge towards bio-ecology of the main hunted species. This research addressed to study the knowledge of the game hunters about the biology and ecology of the faunistic resources. The methodology encompassed the following techniques: snow ball, guided tour, direct observation, and free and semi-structured interviews. The results shows that (n=28) hunters are, in the majority, generalists (53.6%), residents of the urban zone (57.9%) and youngster, between 13 and 28 years old. The most used techniques were: with dogs (n=18) and with traps (n=18). The preferred faunal resources hunted were: the “lambu”, the “arribaçã” and the “rolinha” representing 82.1%; and the “peba” representing 67.8%. The key-informants revealed details about sexual dimorphism, habitat use and eating habits of both hunted resources, proving to be connoisseurs of the biological and ecological aspects of the hunted faunal resources.

**Key words:** Ethnoecology, hunters, faunal resources.

### INTRODUÇÃO

Segundo MORIN (1984), o ser humano, dotado de capacidades de observação e reflexão, é originalmente um ser capaz de produzir conhecimento:

“os nossos antepassados caçadores-coletores que, ao longo de dezenas de milhares de anos, desenvolveram as técnicas da pedra, depois elaboraram as do osso e do metal, dispuseram e usaram, nas suas estratégias de conhecimento e de ação, de um pensamento empírico/lógico/racional, e produziram, acumularam e organizaram um formidável saber botânico, zoológico, ecológico, tecnológico, uma verdadeira ciência.”

Nesse contexto, pesquisas que enfoquem a etnoecologia e etnobiologia são de grande importância para se conhecer melhor a cultura local, principalmente no que diz respeito à utilização dos recursos faunísticos de uma dada região e contribuir para a elaboração de ações de educação ambiental e plano de manejo, a fim de garantir a

manutenção da biodiversidade e a resiliência do ecossistema. Além disso, são úteis como interação para uma política ecológica, socialmente responsável ou, ainda, como garantia da preservação do saber-fazer tradicional, que constitui um patrimônio humano inestimável da cultura universal.

Os caçadores fazem parte destas comunidades tradicionais e possuem um grande conhecimento acumulado por várias gerações acerca da biologia dos recursos faunísticos que utilizam e interagem (FERNANDES-PINTO & MARQUES, 2004).

A caça é umas das mais antigas atividades desenvolvidas por populações humanas (ACRE, 2000). É uma atividade predatória e quando praticada de forma indiscriminada pode levar à diminuição da densidade populacional das espécies caçadas, alterando assim a dinâmica do ecossistema (CRUZ & OLIVEIRA, 2006). Para TRINCA & FERRARI (2004), alguns aspectos, como espécies escolhidas, técnicas de caça, finalidade de uso, entre outros, são de fundamental importância para a compreensão da forma de uso e do grau de ameaça da atividade de caça

sobre o recurso caçado. Trata-se de uma atividade bastante difundida em todos os ecossistemas, principalmente na Caatinga, o que tem causado a diminuição e, até mesmo, risco de extinção de algumas espécies desse importante bioma brasileiro (MMA, 2006). Devido à grande exploração dos recursos animais e vegetais da caatinga, alguns pesquisadores começaram a realizar pesquisas nesse bioma com um enfoque etnoecológico/etnobiológico, como os trabalhos de LUCENA (2002), ALMEIDA (2003), ARAÚJO (2003), BARBOZA (2005). Contudo, são muito escassos, no Brasil, os trabalhos com enfoque etnoecológico e etnobiológico com caçadores.

Diante da lacuna de trabalhos que enfoquem o saber tradicional dos caçadores do Nordeste do Brasil, estudos como este são de fundamental importância para a compreensão de como os recursos faunísticos estão sendo utilizados e da real ameaça desta utilização para a manutenção da biodiversidade. Este estudo teve como objetivos obter informações sobre as características da caça no município de Pedra Lavrada, Paraíba, traçando um perfil dos caçadores da região, e diagnosticar o conhecimento que a comunidade de caçadores locais possui sobre a bioecologia das principais espécies caçadas.

#### MATERIAL E MÉTODOS

##### Área de estudo

O Nordeste brasileiro tem a maior parte de seu território ocupado por uma vegetação adaptada às condições de aridez (xerófila), de fisionomia variada, denominada “Caatinga”. O domínio morfoclimático da Caatinga (AB’SABER, 1970) ocupa aproximadamente 800.000 km<sup>2</sup> (RODRIGUES, 2003), sendo marcado pelo clima semi-árido, que se caracteriza pela imprevisibilidade da distribuição temporal e espacial das chuvas, o que é agravado por temperaturas anuais elevadas e relativamente constantes entre 24°C a 29°C (RODRIGUES, 1986). Os totais de precipitação variam muito de ano para ano e desta imprevisibilidade das chuvas a região tem por principais atividades econômicas a agricultura sazonal e o bioextrativismo.

O local escolhido para este estudo, o município de Pedra Lavrada (Fig. 1), está situado na microrregião do Seridó Oriental, com uma população de 6,617 mil habitantes, sendo que deste total, 63% vivem na zona rural; sua altitude média é 516 metros acima do nível do mar e as coordenadas geográficas são de 06°45’25” de latitude-S e 36°28’49” de longitude-W (IBGE, 2000). Tem uma área territorial de 389,64 km<sup>2</sup>, com um percentual da área da micro-região de 14,76% e representando 0,70% da área do estado da Paraíba.

##### Metodologia

A pesquisa de campo foi realizada no período compreendido entre novembro de 2005 e maio de 2006. Inicialmente, foram realizadas entrevistas livres com os moradores encontrados *ad libitum*, com o intuito de se conhecer aspectos mais gerais da comunidade nativa, do

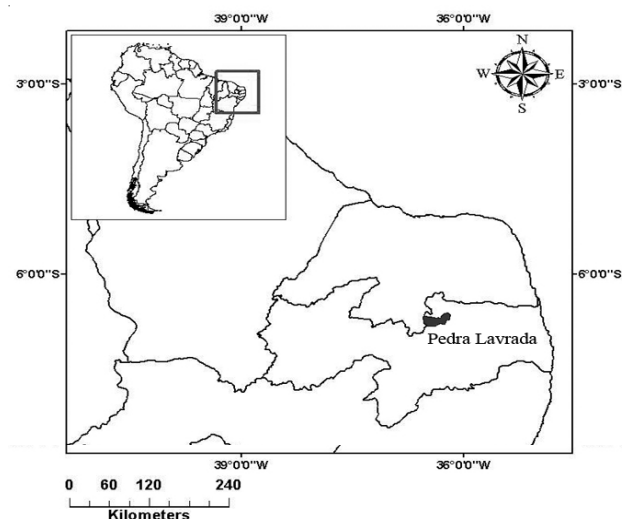


Fig. 1. Localização do município de Pedra Lavrada, Paraíba.

ecossistema caatinga local e das práticas de exploração nele desenvolvidas, onde foram entrevistados 28 moradores, todos do sexo masculino. Após estes contatos, foram elaborados roteiros com entrevistas abertas (p.e., “Fala-me sobre isto”) e entrevistas semi-estruturadas, com o intuito de identificar os informantes-chave (que são aquelas pessoas que possuem uma relação muito próxima com os recursos faunísticos locais). Logo após a escolha e a amostragem dos informantes-chave, foram adotadas técnicas de observação direta para a descrição das práticas de caça atuais e aplicação de entrevista semi-estruturada, captura de memes (DAWKINS, 1979; BLACKMORE, 2000), a técnica de percursos guiados em campo (turnê guiada), onde os próprios moradores/caçadores serviram de guias nas áreas ou nas atividades que desenvolviam (GRENIER, 1998).

Nos meses de abril e maio de 2006, foram realizadas duas viagens ao campo com duração de dois dias. Na primeira viagem ao campo foi realizado um acampamento na Serra das Flechas, no município de Pedra Lavrada, com os caçadores informantes onde com estes foram feitas trilhas diurnas e noturnas para identificação dos rastros e moradias dos recursos faunísticos locais. Além disso, entrevistas com os cinco informantes-chave foram gravadas procurando-se utilizar a variedade lingüística local para facilitar a comunicação. Os caçadores foram questionados a respeito de alguns aspectos da biologia e ecologia dos recursos mais caçados por eles. Os temas abordados durante as entrevistas foram: ecologia trófica, reprodução, comportamento reprodutivo, habitat, estratégias de captura. Os registros foram transcritos mantendo-se a fidelidade das expressões e palavras nativas.

#### RESULTADOS

##### Perfil dos caçadores

Foram entrevistados 28 moradores do município de Pedra Lavrada, incluindo a zona rural e urbana, dos quais 19 (68%) são caçadores ativos e nove (32%) são ex-

caçadores. Dentre os caçadores ativos, 11 (58%) são moradores da zona urbana e oito (42%) da zona rural. Dentre os ex-caçadores, sete (77%) são moradores da zona urbana e apenas dois (22%) são da zona rural. A partir desses dados verificou-se entre os entrevistados a dominância dos moradores da zona urbana nesta atividade.

Dos 19 caçadores ativos, todos foram do sexo masculino e a maioria possui entre 13 e 28 anos (Fig. 2), mostrando que a caça é uma atividade muito difundida entre os jovens e como afirmada por eles, realizada de forma recreativa e não para fins de subsistência. A Figura 2 mostra ainda que a maioria dos ex-caçadores apresenta idade superior a 28 anos. Estes entrevistados não exercem mais atividades de caça alegando uma preocupação com o tamanho das populações dos itens caçados.

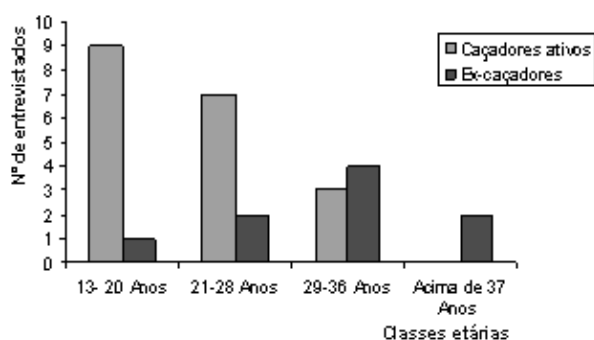


Fig. 2. Idades dos caçadores e ex-caçadores do Município de Pedra Lavrada, Paraíba.

### Técnicas e instrumentos de caça

No desenvolvimento de suas atividades, os caçadores fazem usos de diversos artefatos. Estes artefatos de caça incluem a espingarda cartucheira (industrial) e espingarda soca-soca (artesanal) (n=27), os rifles 22 e 44 (n=5), a baladeira e a azagaia (ambos com n=1). Várias técnicas de caça também são amplamente utilizadas pelos caçadores e ex-caçadores do município de Pedra Lavrada, onde as mais comuns são a caça com cachorro (n=18) e a caça com armadilha (n=18), sendo estas a tatuzeira, a arapuca e o fozo.

A caça com cachorro (Fig. 3A-B) é bastante utilizada e pode ser realizada com um ou mais cachorros. Trata-se de uma técnica na qual o cachorro é quem decide qual espécie e qual indivíduo será caçado (TRINCA & FERRARI, 2004). Já a caça com armadilhas é amplamente conhecida, sendo bastante eficiente na captura de aves e pequenos mamíferos. Uma das armadilhas utilizadas, a tatuzeira (Fig. 4A), foi descrita por um informante como “uma espécie de gaiola que você bota na morada do bicho”; ela é utilizada para caça do tatu-peba-verdadeiro e do tatu-peba-carrasco (*Dasypodidae*). Trata-se de uma armadilha rudimentar produzida pelos próprios caçadores, conforme evidência o depoimento de um deles:

“É feito um cilindro de ferro, com uma tampa de madeira revestida de ferro por dentro. Você coloca no buraco mesmo. Você ajeita de tal modo que eles não tenha como cavar um canto pra sair. Você bota xique-xique ao redor e tudo porque aí ele não tem como

cavar o canto, aí ele tem que sair por ele. Aí você alevanta a tampa, quando ele passa bate num gravetozinho que bota, aí não tem como ele voltar pra trás, aí fica preso”.

O instrumento de caça utilizado mostrou estar estritamente ligado ao recurso a ser caçado. As espingardas e rifles (Fig. 4B) são bastante utilizados pelos que caçam aves. Dos 28 entrevistados, 18% caçam ou caçavam apenas com espingarda e são especialistas em aves. Contudo, a maioria dos caçadores é generalista, tanto quanto às técnicas utilizadas, como quanto aos recursos por eles caçados.

### Horário de caça

Um total de 64% dos entrevistados caça durante o dia e durante a noite. O horário de caça mostrou estar relacionado com o tipo de recurso faunístico caçado. Seis caçadores caçam exclusivamente aves e cinco preferem caçar somente durante o dia. Vinte dos entrevistados são caçadores ou ex-caçadores generalistas, caçando mamíferos, aves e répteis. Destes, 16 (80%) não apresentaram preferência quanto ao horário, caçando tanto durante o dia quanto durante a noite.

### Dias da semana

Embora o mesmo caçador possa ter preferência por mais de um dia da semana para caçar, observando a Figura 5 percebemos que os caçadores da zona urbana apresentam uma preferência pelas sextas-feiras e pelos sábados. Um grande número de caçadores urbanos também prefere caçar na quarta-feira. Um padrão semelhante é encontrado entre os caçadores da zona rural, mostrando uma preferência pelos finais de semana.

### Recursos faunísticos mais caçados

Os dados revelam que a maioria dos caçadores do município de Pedra Lavrada é generalista. Dos 28 entrevistados, 53% (n= 15) são generalistas caçando tanto mamíferos como répteis e aves; 21% (n= 6) caçam apenas aves; 11% (n= 3) caçam mamíferos e aves; 7% (n= 2) caçam mamíferos e répteis; 7% (n= 2) caçam apenas mamíferos. A lista dos recursos faunísticos mais caçados pode ser vista na Tabela 1.

### Conhecimento da comunidade de caçadores sobre os recursos faunísticos mais caçados

Dentre as espécies de aves encontradas nos arredores do município de Pedra Lavrada, as espécies mais caçadas, segundo 82% dos caçadores, são: arribaçã, lambu e rolinha, todas pertencentes à família Columbidae. Vale lembrar que os nomes utilizados aqui são nomes vernáculos, o que impossibilitou a identificação específica dos exemplares caçados mascarando a real diversidade encontrada na região. Apesar da juruti não ter sido citada nas estatísticas dos animais mais caçados, ela foi citada por

Tabela 1. Lista dos recursos faunísticos mais caçados pelos entrevistados.

Recursos Faunísticos	% dos entrevistados
Arribaça (Columbidae)	82%
Rolinha (Columbidae)	82%
Lambu (Tinamidae)	82%
Peba-Carrasco (Dasypodidae)	68%
Peba-Verdadeiro (Dasypodidae)	68%
Tacaca (Mustelidae)	68%
Siriema (Cariamidae)	68%
Teju (Teiidae)	61%
Preá (Cavidae)	18%
Galinha d'água (Rallidae)	14%
Mocó (Cavidae)	14%
Tamanduá (Myrmecophagidae)	14%
Gato-do-mato (Felidae)	7%

todos os caçadores-chave durante as entrevistas qualitativas.

A “rolinha” possui uma vasta distribuição no planeta, originária do Velho Mundo (SICK, 2001). Com este nome popular, encontramos um grupo de seis espécies bastante parecidas entre si (SICK, 2001). Mesmo diante desta semelhança, os caçadores da região informaram a existência de várias espécies de rolinha no município de Pedra Lavrada:

“Aqui tem vários tipos de rolinhas: cambuta, cascavel, caldo de feijão, roxinha e branca. A cambuta é a pequeninha marrom e tem muito na serra. A caldo de feijão e a cascavel é mais difícil de encontrá. A caldo de feijão é bem avermelhada e a cascavel é toda pedrezinha”.

A arribaça vive no campo, inclusive campos quase destituídos de vegetação mais alta; cerrado, caatinga, campos de cultura e de pastoreio, onde ocorre

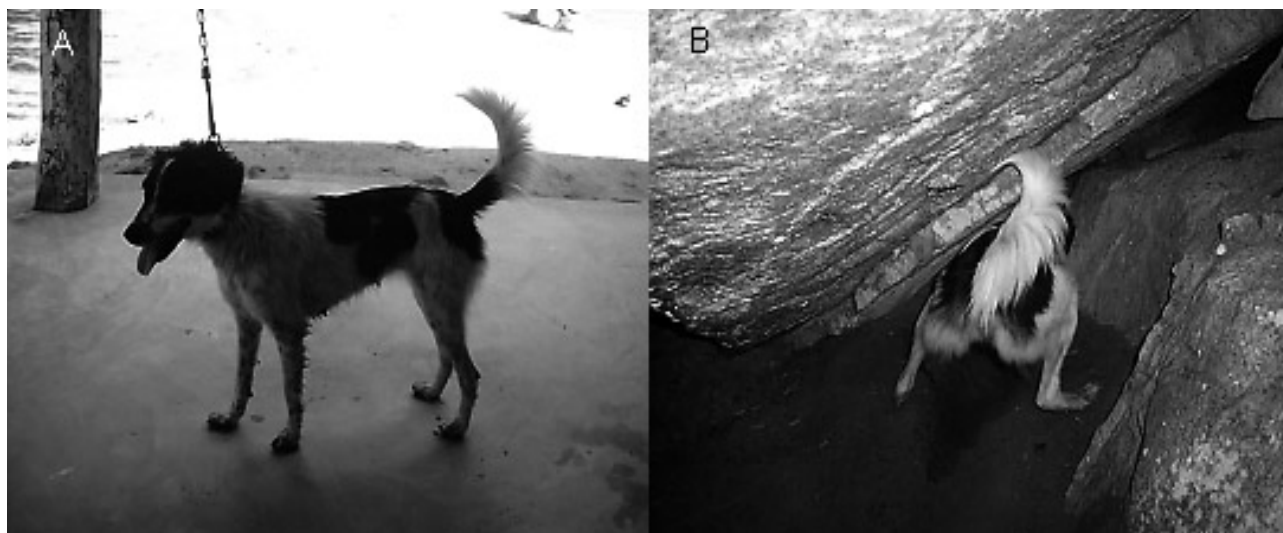


Fig. 3. A) Cadela utilizada por caçadores durante as atividades de caça. B) Cadela em atividade de caça noturna atrás de um peba-verdadeiro (Dasypodidae) (Foto: Marcela Ramos, 2006).

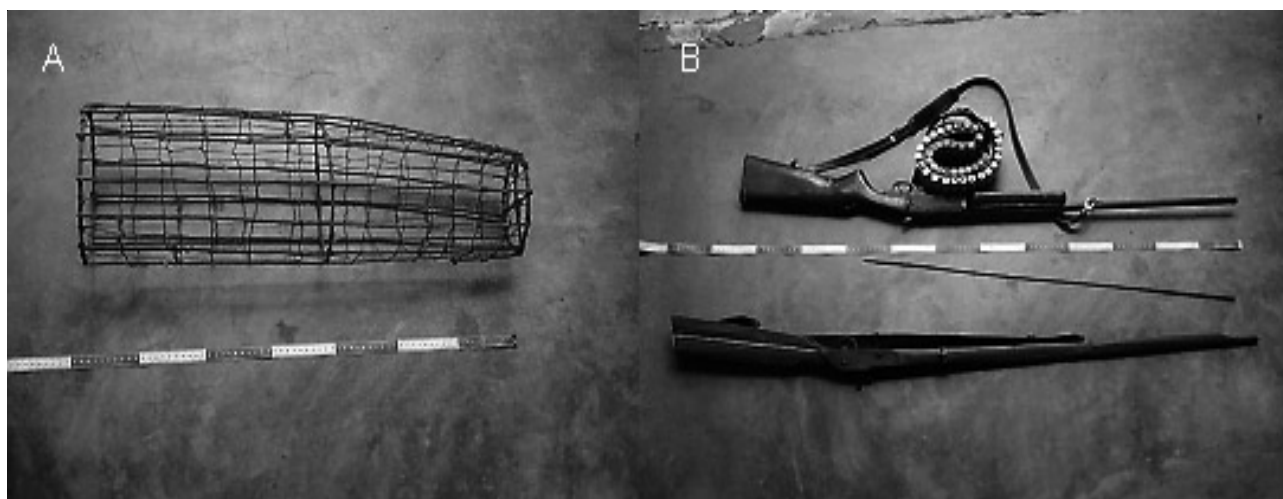


Fig. 4. A) Tatuzeira, armadilha utilizada por caçadores para a captura do tatu. B) Espingarda cartucheira (acima) e soca-soca (abaixo), instrumentos utilizados para caça de diversos animais (Foto: Marcela Ramos, 2006).

descontinuamente por todo o Brasil (SICK, 2001). Em intervalos de dois a três anos, torna-se muito numerosa no Nordeste, surgindo de abril a junho aos milhares (SICK, 2001). Dentre os caçadores e ex-caçadores entrevistados, 71% (n=20) afirmaram caçar arribaçã entre os meses de maio e julho e segundo um dos informantes, a caça da arribaçã é realizada “a cada dois anos”.

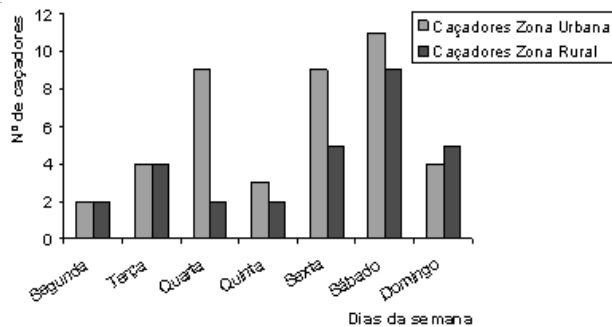


Fig. 5. Dias da semana utilizados para caça pelos caçadores e ex-caçadores da zona urbana e rural do Município de Pedra Lavrada, Paraíba.

Para o Brasil são registradas duas espécies de juruti (SICK, 2001). Segundo um entrevistado,

“É difícil de pegá, porque é preciso você ir pra pastora geralmente tem o arremedo, que fica fazendo o mesmo som dela, aí nós ficamos bem escondido, camuflado, arremedando ela”.

A lambu pertence à família Tinamidae e, de acordo com SICK (2001), 12 espécies são reconhecidas popularmente como lambu. Os entrevistados disseram que na região ocorrem várias espécies: “Tem a espanta-boiada, que é o grande, que é a codroniz. Tem o pequeno que é lambuzinho roxo e tem o codroniz pequeno”. Segundo outro informante, as espécies de lambu utilizam diferentes habitats: “A codroniz, que é um tipo de lambu, ela vive mais nas vage e o lambu roxo mais que é mais pro tabuleiro, onde tem bastante pedra, mato rasteiro. E o espanta-boiada, que é outro tipo de lambu, vive com o lambu roxo”.

Além de elegerem esses animais como recurso, os caçadores se mostraram conhecedores da ecologia de todos, fornecendo informações sobre dimorfismo sexual, utilização de habitat e hábitos alimentares, que foram comparadas com informações científicas (Tabela 2). Contudo, algumas informações não corroboram com as informações científicas, como no caso do dimorfismo sexual nos lambus, onde a informação dada pelo caçador é contrária à informação disponível na literatura. (Mas esta foi a única informação não corroborada com a literatura científica.)

Para a herpetofauna, de acordo com RODRIGUES (2003), existem na Caatinga, atualmente, 50 espécies de lagartos e 52 espécies de serpentes. Apesar de haver uma grande diversidade de espécies de répteis na Caatinga, apenas uma espécie de lagarto, o teju, é usada como recurso de caça, sendo caçado por 61% dos caçadores.

O teju é o maior lagarto da América do Sul, podendo atingir cerca de 2 metros de comprimento (IHERING, 2002). Pertencente à família Teiidae, o teju é bastante comum na Caatinga e largamente caçado. De acordo com um informante,

“Ele é tipo urso. Ele hiberna 6 meses e depois aparece, aonde ele acha um buraco que dá pra ele. Ele só entra no buraco na época de dormir, ele passa seis meses guardado num canto”.

Além dessa informação, os entrevistados forneceram, ainda, dados sobre dimorfismo sexual, utilização de habitat e hábitos alimentares do teju, informações estas que foram comparadas com a literatura científica (Tabela 3). Todas as informações dadas pelos entrevistados corroboraram com as informações encontradas na literatura científica, o que mostra que estes possuem conhecimento acurado sobre o animal caçado.

No que se refere aos mamíferos encontrados na região, o peba-verdadeiro, o peba-carrasco e a tacaca estão entre os recursos mais caçados.

O peba-carrasco, também conhecido como tatu-peba, e o peba-verdadeiro pertencem à família Dasypodidae, da ordem Xenartha (EMBRAPA, 2006). Segundo um dos entrevistados,

“O carrasco, ele vive em lugares mais aberto, mas acessível pra ele andar, porque ele é mais achatado, é um peba mais pesado. Ele gosta mais assim de canto que tem vazante, que tem batata, essas coisa assim, umas raízes fácil e ele é carniceiro, ele come todo tipo de carne que ele encontra”.

Já o peba-verdadeiro, de acordo com outro informante,

“Mora em lugares bem mais trancado, ou seja, mais mato, bem mais raízes. Ele come raiz bastante onde tem mato bem fechado, que tem pedra. Eles gostam de fazê a morada onde tem pedra, pra dificultá já os predadores e onde tem bastante craoá, macambira, ou seja, um mato bem fechado. Ele cava pra fazê a morada, mas ele tando acuado ele entra no buraco mas pára. Ele espera passar o perigo pra poder sair”. Os entrevistados informaram ainda sobre outras diferenças entre o peba-verdadeiro e o carrasco:

“Pelo tamanho, o formato. O peba de carrasco é achatado e o verdadeiro é mais comprido, assim, em sê achatado. A diferença das orelhas também. As do verdadeiro são mais juntas e a do carrasco, mais de lado da cabeça. E a cor, que o verdadeiro é preto e o carrasco é amarelo. O carrasco é maior que o verdadeiro”.

“Bem, tem várias. Tem as cores e tem as defesa deles, porque um corre, o outro não. Um cava, o outro não. O verdadeiro é preto e o carrasco é amarelo. O verdadeiro corre e o carrasco já cava”.

Os tatus peba e verdadeiro possuem hábitos alimentares diferentes. De acordo com os informantes:

Tabela 2. Comparação entre informações dos caçadores e científicas sobre dimorfismo sexual, utilização de hábitat e hábitos alimentares da rolinha, juruti e lambu.

DIMORFISMO SEXUAL		
RECURSO FAUNÍSTICO	INFORMAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS
Rolinha	“O canto. O mais grosso é o macho e o mais fininho é fêmea”.	“Às vezes há diferença entre a voz dos sexos” (SICK, 2001).
Juruti	“O macho é maior e a fêmea é menor”.	“Há pouco dimorfismo sexual limitando-se a pequena diferença de coloração da plumagem” (SANTOS, 2006).
Lambu	“A única diferença que o cara consegue identificá é pelo tamanho, ou seja, o macho é maior”.	“[...] geralmente as fêmeas distinguem-se apenas por serem maiores que os machos” (SICK, 2001).
UTILIZAÇÃO DE HÁBITAT		
RECURSO FAUNÍSTICO	INFORMAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS
Rolinha	“Todo canto. Tudo relacionado a mato elas tão”.	“A maioria das espécies brasileiras, vive em regiões campestres” (SICK, 2001).
	“A caldo de feijão encontra em lugares bem esquisito onde poucas pessoas habitam”.	“São as aves que mais se vê nas caatingas” (SICK, 2001).
Juruti	“Em vazante, nesses campo aberto, essas malhadinha eles gosta de fica”.	“Vive em locais quentes; capoeiras, beira da mata, cerrado” (SICK, 2001).
Lambu	“O lambu mermo vive mais em serra, andando no chão”.	
	“O lambu não sobe em árvore não, ele faz ninho no chão”.	“Açam vôo apenas como último recurso” (SICK, 2001).
HÁBITOS ALIMENTARES		
RECURSO FAUNÍSTICO	INFORMAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS
Rolinha	“Essas simentinha desses mato, peda, num sei, acho que ajuda na digestão dela”.	“É comum a ave engolir pequenas pedrinhas para ajudar na trituração dos grãos” (SANTOS, 2006).
	“Semente de marmelero, pedra, o que é de semente de planta miúda ela come”.	“Alimentam-se de grãos e sementes do chão” (RODRIGUES <i>et al.</i> , 2004).
Lambu	“Come tudo. Milho, semente, feijão”.	“Comem não só bagas, frutas caídas, como folhas e sementes duras” (SICK, 2001).
	“Semente, besouro”.	“Às vezes pulam pra pegar alguns insetos” (SICK, 2001).

“O carrasco é ele num tem um hábito alimentar específico não, ele come o que aparecê. O peba ele come inseto, ele come carniça, ele come raiz de umbuzeiro, batata de umbuzeiro como a gente chama aqui, batata que a gente se alimenta também, milho, ele come tudo. O verdadeiro ele come mais inseto, ou seja, formiga, aqueles insetinho pequeno e batata, batata de umbuzeiro”.

Segundo EMMONS (1990), o peba se alimenta de uma ampla variedade de itens, desde vegetais como raízes e frutos, insetos como formigas, pequenos vertebrados e até mesmo carniça. Segundo MCBEE & BACKER (1982), o tatu-verdadeiro possui em sua dieta insetos, centopéias, lesmas, minhocas, répteis, anfíbios, além de itens vegetais.

A tacaca, também conhecida como ticaca, gambá, jaritacaca, entre outros, pertence à família Mustelidae da ordem Carnivora (PRADO *et al.*, 2008). Segundo um dos informantes, trata-se de um animal de hábitos noturnos:

“Só durante a noite. Geralmente ela sai mais cedo, ela sai negoço de 7 horas. Raramente você encontra uma tacaca de madrugada. A hora mais fácil de pegá é até 11 horas da noite”.

O tamanduá pertence à família Myrmecophagidae da ordem Xenarthra (POUGH *et al.*, 2003). Trata-se de um animal que, segundo um dos informantes, está bastante escasso:

“Agora é difícil de encontrá porque já foi muito caçado, é raro, é uma raridade o cara encontrá, mas não tem uma época definida não. Antigamente tinha bastante. Geralmente a gente encontrava bastante morada dele. A gente sabia que era morada de tamanduá porque ficavam as fezes, o cheiro forte deles na morada, tinha bastante rastro”.

De acordo com o MMA (2006), o tamanduá é bastante perseguido pela sua carne, tendões e pele.

Tabela 3. Comparação entre informações dos caçadores e científicas sobre dimorfismo sexual, utilização de hábitat e hábitos alimentares do teju.

<b>DIMORFISMO SEXUAL</b>		
<b>RECURSO FAUNÍSTICO</b>	<b>INFORMAÇÃO DOS INTREVISTADOS</b>	<b>INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS</b>
Teju	<p>“O tamanho. O tamanho é geralmente quem indica o tamanho. O macho é maior”.</p> <p>“A diferença é que o grande é papudo, o macho, e a fêmea num é”.</p> <p>“Quando abre pra tratá, se você mexê assim perto do ânus dele, se for macho, ele bota o órgão dele pra fora”.</p>	<p>“<i>Tupinambis</i> exibem dimorfismo sexual, onde machos adultos são mais longos e pesados que fêmeas em média, com cabeças maiores e musculaturas mandibulares alargadas. Os machos também possuem dois poros nas escamas da região pós-anal.” (FITZGERALD <i>et al.</i>, 1991)</p>
<b>UTILIZAÇÃO DE HÁBITAT</b>		
<b>RECURSO FAUNÍSTICO</b>	<b>INFORMAÇÃO DOS ENTREVISTADOS</b>	<b>INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS</b>
Teju	<p>“Em buraco, em loca. Eles gosta sempre de morá em buraco cavado pelo outro. Eles gosta muito de vivê perto onde tem fonte d’água”.</p> <p>“A morada do teju é geralmente uma morada dum peba que ele já viveu ali e abandonou”.</p>	<p>“Ocorre em uma variedade de ambientes, incluindo cerrados, caatinga, chaco e também no domínio da Mata Atlântica, onde provavelmente ocupa áreas abertas e ensolaradas” (AVILA-PIRES, 1995)</p> <p>“Este volumoso lagarto é terrícola, e mora em tocas. Gosta muito da proximidade de água” (VANZOLINI <i>et al.</i>, 1980).</p> <p>“Vive em buracos cavados na terra (IHERING, 2002).</p>
<b>HÁBITOS ALIMENTARES</b>		
<b>RECURSO FAUNÍSTICO</b>	<b>INFORMAÇÃO DOS ENTREVISTADOS</b>	<b>INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS</b>
Teju	<p>“É imbu, é goiaba, calango, lagatixa, préá. O que encontrá eles come”.</p> <p>“Tudo. O teju é outro camiceiro”.</p> <p>“Inseto, bicho, ovo de galinha, o que pegá ele come”.</p> <p>“Besouro, passarinho, ovo de galinha”.</p>	<p>“Alimenta-se de insetos, serpentes, lagartos pequenos, roedores, aracnídeos, miriápodes e animais em decomposição” (IHERING, 2002).</p> <p>“Onívoro” (POUGH <i>et al.</i>, 2003).</p> <p>“Sua dieta é onívora, constituindo-se de invertebrados, pequenos vertebrados (até peixes), ovos, frutos e carniça; é um predador respeitável, especialmente de ninhos” (VANZOLINI <i>et al.</i>, 1980).</p>

Acerca da tacaca e do tamanduá, os entrevistados foram questionados sobre o dimorfismo sexual, a utilização de hábitat e os hábitos alimentares e tais informações foram comparadas com as informações científicas (Tabela 4). Nesta tabela, não houve corroboração entre a informação do caçador e da literatura científica sobre dimorfismo sexual para tacaca. Contudo, não se pode inferir que tal informação esteja incorreta, visto que, caçador e autor tratam de aspectos não comparáveis. Já para utilização de hábitat e hábitos alimentares, tanto para tacaca como para tamanduá, as informações corroboram.

**DISCUSSÃO**

Os resultados indicam que a maior parte dos caçadores entrevistados é composta por jovens da zona urbana e que praticam a caça com finalidade recreativa. A caça no município de Pedra lavrada é direcionada em sua maioria as Aves e as duas espécies de tatu da região. A predileção por estes animais pode ser observada na Tabela 2. Embora outros grupos de vertebrados como répteis, roedores e carnívoros sejam caçados, estes são menos explorados por parte dos caçadores do município. Uma das

Tabela 4. Comparação entre informações dos caçadores e científicas sobre dimorfismo sexual, utilização de habitat e hábitos alimentares da tacaca e do tamanduá.

DIMORFISMO SEXUAL		
RECURSO FAUNÍSTICO	INFORMAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS
Tacaca	“Pelos órgãos genitais dela. A gente conhece de longe. Geralmente o macho é maior, os testículos fica maior, muito maior. Já a fêmea é menor, tanto o tamanho dela como os órgãos genitais dela”.	“Uma análise do padrão de coloração indica variação individual considerável, mas não diferenças de sexo ou idade” (GELDER & GEORGE, 1968).
Tamanduá	“O tamanduá geralmente o macho chega a ser maior e quando você vê ele você não define, mas pelo tamanho a não ser que seja bem menor e esteja os dois junto a fêmea e o macho”.	
UTILIZAÇÃO DE HÁBITAT		
RECURSO FAUNÍSTICO	INFORMAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS
Tacaca	“Onde tive loca de pedra, assim às vezes tem um burquinho de terra entrando assim debaixo de uma pedra ela gosta de mora, em oco às vezes tem um pau grande caído no chão ela mora dentro também”.	“Os locais mais adequados para esta espécie são vastas áreas abertas e pastagens” (PRADO <i>et al.</i> , 2008).
Tamanduá	“Em lugares bem fechados, como o verdadeiro, com loca de pedra, porque eles não cavam aí eles preferem alguma loca que caibam eles pra eles viverem lá”.  “onde o acesso seja bastante difícil, serrote com pé de angico”.	“São encontrados somente na América do Sul em áreas florestais, cerrados e campos” (ANGELINI & CARVALHO, 2006).  “[...] habita regiões úmidas ou semi-áridas, preferencialmente onde há vegetação mais robusta” (MMA, 2006).
HÁBITOS ALIMENTARES		
RECURSO FAUNÍSTICO	INFORMAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS
Tacaca	“Ela é tipo o peba, é carniceira também. O que ela achá ela come”.	“Insetos (principalmente cupins), timbus, tatus e frutas” (MMA, 2006).
Tamanduá	“Eles chega onde tive um cupinzão desses grande aí vai tem uma unhona na mão aí abre o cupim de fora a fora num rasgão. Aí ele vai estira a linguona onde ele rapou com a unha aí enche de formiga de cupim aí engole ela aí bota de novo a língua lá”.  “Cupim, formiga, aquelas larvas de formiga”.	“[...] insaciável perseguidor das formigas e dos cupins” (IHERING, 2002).  “Utiliza suas fortes unhas para quebrar cupinzeiros e escavar o solo atrás de suas presas. Então coloca sua língua dentro do buraco capturando seu alimento” (ANGELINI & CARVALHO, 2006).

razões para esta predileção pode estar relacionada a abundância destas aves (SICK, 2001) e destes tatus na região (CRUZ *et al.*, 2005). Outro fator parece ser cultural, pois é comum na região o consumo destes animais junto com bebidas alcoólicas sem a finalidade de subsistência.

Por meio da interpretação das respostas, pôde-se ver que mesmo constituindo linguagens diferentes (a linguagem local da comunidade e a linguagem científica), a grande maioria das informações dadas pelos caçadores foi corroborada com os dados encontrados na literatura. Tais resultados indicam que os caçadores possuem um vasto saber acerca do habitat em que vivem e este saber está fortemente inserido na vida de cada um deles. Trata-se de informações passadas por gerações, que foram coletadas

por meio de observação direta, com intuito não somente aprender, mas de, a partir daí, buscar melhorar seu desempenho nas atividades de caça.

Segundo CRUZ & OLIVEIRA (2006), a caça realizada de forma indiscriminada pode afetar diretamente a dinâmica de um ecossistema. Um dado alarmante aponta os estados da Paraíba e do Ceará com mais da metade das suas áreas com graves problemas de degradação ambiental (SÁ *et al.*, 2004). Desse modo, é necessário tomar medidas relativas a métodos produtivos, sustentabilidade e conservação da fauna junto à comunidade local, a fim de evitar a caça desordenada, a sobreexploração dos animais silvestres e o conseqüente desaparecimento de espécies, como já ocorrido com o tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*) nos sertões do Ceará

e Pernambuco, onde seu desaparecimento na área está relacionado com a pressão de caça (CRUZ *et al.*, 2005); a rolinha-cascavel (*Scardafella squammata*) e a rolinha-caldo-de-feijão (*Columbina talpacoti*), exterminadas pela caça desenfreada (FARIAS *et al.*, 2005); e o mocó (*Kerodon rupestris*). Tais medidas de preservação devem vir acompanhadas de projetos de educação ambiental junto à comunidade local, além de ser essencial a participação de

órgãos de fomento, sejam públicos ou privados, bem como de centros de educação e pesquisa.

#### AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo consentimento da bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) à autora sênior deste trabalho, possibilitando a realização do mesmo.

#### REFERÊNCIAS

- AB'SABER NA. 1970. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. **Geomorfologia (Inst. Geogr. Univ. S. Paulo)** 20: 1-10.
- ACRE. 2000. Governo do Estado do Acre. Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. **Zonamento Ecológico-Econômico: aspectos socioeconômicos e ocupação territorial – documento final. V. 2.** Rio Branco: SECTMA.
- ALMEIDA FS. 2003. **Aspectos ecológicos na etnomastozoologia dos caçadores do município de Paulista - PE.** Monografia. Campina Grande: UEPB.
- ANGELINI R & AR CARVALHO. 2006. Tamanduá-mirim - *Tamandua tetradactyla*. Disponível online em: <[http://www.pre.ueg.br/projetos/trilha\\_virtual/fauna\\_flora\\_html/tamandua.htm](http://www.pre.ueg.br/projetos/trilha_virtual/fauna_flora_html/tamandua.htm)>. Acesso em: 19 de julho de 2006.
- ARAÚJO HFP. 2003. **Aves que prenunciam chuva: percepção etnobiológica e etnoecológica de comunidades rurais no município de Soledade-PB.** Monografia. Campina Grande. UEPB.
- AVILA-PIRES TCS. 1995. Lizard of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). **Zoologische Verhandelingen** 299: 3-706.
- BARBOZA RRD. 2005. **Os moradores e as garças-vaqueiras (*Bulbucus ibis*) (Linnaeus, 1758), dos municípios de Riachão do Bacamarte, Gurinhém e Cajá (Caldas Brandão) – PB: uma interpretação etnoornitológica e etnoecológica.** Monografia. Campina Grande: UEPB.
- BLACKMORE S. (2000). The power of memes. **Scientific American** Oct.: 53-54.
- CRUZ MAOM, DM BORGES-NOJOSA, AR LANGGUTH, MAN SOUSA, LAM SILVA, LMRM LEITE, FMV PRADO, KCS VERÍSSIMO & BLC MORAES. 2005. Diversidade de mamíferos em áreas prioritárias para conservação da Caatinga, p. 182-201. *In:* FS ARAÚJO, MJN RODAL & MRV BARBOSA (orgs.). **Análise das variações da Biodiversidade do bioma Caatinga. Suporte a Estratégias regionais da conservação.** Brasília: MMA.
- CRUZ NRO & ACM OLIVEIRA. 2006. Caracterização da atividade de caça em comunidades rurais do Lago de Tucuruí. Monografia. Belém: Universidade Federal do Pará.
- DAWKINS R. 1979. **O gene egoísta.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia.
- EMBRAPA. 2006. **Tatu-peludo, tatupeba (*Euphractus sexcintus*): Ordem Xenartha, Família Dasypodidae.** Disponível online em: <[http://www.faanacps.cnpm.embrapa.br/mamifero/tatu\\_pel.html](http://www.faanacps.cnpm.embrapa.br/mamifero/tatu_pel.html)>. Acesso em: 24 de julho de 2006.
- EMMONS LH. 1990. **Neotropical Rainforest mammals: a field guide.** Chicago: University of Chicago Press.
- FARIAS GB, WAG SILVA & CG ALBANO. 2005. Diversidade de aves em áreas prioritárias da conservação da Caatinga, p. 204-226. *In:* FS ARAÚJO, MJN RODAL & MRV BARBOSA (orgs.). **Análise das variações da Biodiversidade do bioma Caatinga. Suporte a Estratégias regionais da conservação.** Brasília: MMA.
- FERNANDES-PINTO E & JGW MARQUES. 2004. Conhecimento etnoecológico de pescadores artesanais de Guaraqueçaba (PR), p. 163-190. *In:* AC DIEGUES (org.). **Enciclopédia Caçara.** São Paulo: Editora Hucitec; NUPAUB: CEC/USP.
- FITZGERALD LA, JM CHANI & OE DONADIO. 1991. *Tupinambis* lizards in Argentina: implementing management of a traditionally exploited resource, p. 303-316. *In:* J ROBINSON & K REDFORD (orgs.). **Neotropical wildlife: use and conservation.** Chicago: University of Chicago Press.
- GELDER V & R GEORGE. 1968. The genus *Conepatus* (Mammalia, Mustelidae): variation within a population. **American Museum novitates** 2322: 36-37.
- GRENIER L. 1998. **Working with indigenous knowledge: a guide for reseachers.** Canada: International Development Research Centre.
- IBGE. 2000. Disponível online em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 de maio de 2005.
- IHERING RV. 2002. **Dicionário de animais do Brasil.** Rio de Janeiro: DIFEL.
- LUCENA RFP. 2002. **Plantas conhecidas como bioindicadoras de chuva por moradores de comunidades rurais do município de Soledade – PB: uma abordagem etnobotânica.** Monografia. Campina Grande: UEPB.
- MARQUES JGW. 1995. **Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano.** São Paulo/Maceió: NUPAUB-USP.
- MCBEE K & RJ BAKER. 1982. *Dasypus novemcintus*. **Mammalian species** 162: 1-9.
- MMA. 2006. **Espécies mastofaunísticas encontradas nas áreas de influência.** Disponível online em: <[http://mapas.mma.gov.br/mapas/aplic/dadosdoc/chesf/fauna\\_itaparica/](http://mapas.mma.gov.br/mapas/aplic/dadosdoc/chesf/fauna_itaparica/)>. Acesso em: 19 de julho de 2006.
- MORIN E. 1984. **O Método 3: o conhecimento do conhecimento.** Paris: Fayard.
- OLIVEIRA JA, PR GONÇALVES & CR BONVICINO. 2003. Mamíferos da Caatinga, p. 275-336. *In:* IR LEAL, M TABARELLI & JMC SILVA (eds.). **Ecologia e conservação da Caatinga.** Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- PRADO MR, EC ROCHA & GML DEL GIUDICE. 2008. Mamíferos de médio e grande porte em um fragmento de Mata Atlântica, Minas Gerais, Brasil. **Revista Árvore** 32(4): 741-749.
- POUGH FH, CM JANIS & JB HEISER. 2003. **A vida dos vertebrados.** 3ª ed. São Paulo: Atheneu.
- RODRIGUES MT. 1986. Potencial faunístico da caatinga. *In:* SIMPÓSIO SOBRE CAATINGAS E SUA EXPLORAÇÃO RACIONAL, **Anais...** Brasília, EMBRAPA, DDT, p. 163-170.
- RODRIGUES MT. 2003. Herpetofauna da Caatinga, p. 181-236. *In:* IR LEAL, M TABARELLI & JMC SILVA (eds.). **Ecologia e conservação da Caatinga.** Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- RODRIGUES RC, ACA AMARAL & LGJ SALES. 2004. **Aves do Maciço do Baturité.** João Pessoa: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis.
- SÁ IB, GR RICHÉ & GA FOTIUS. 2004. As paisagens e o processo de degradação do semi-árido nordestino, p. 18-36. *In:* JMC SILVA, M TABARELLI, MT FONSECA & LV LINS (orgs.).

- Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para conservação.** Brasília: MMA; Recife: UFPE.
- SANTOS ASR. 2006 **Aves: pombas, rolas, rolinhas e jurutis (Família Columbidae).** Disponível online em: <<http://www.ultimaarcadenoe.com/pombas.htm>>. Acesso em: 14 de julho de 2006.
- SICK H. 2001. **Ornitologia brasileira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- TRINCA CT. 2004. **Caça em assentamento rural no Sul da Floresta amazônica. Dissertação.** Belém: Universidade Federal do Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- VANZOLINI PE, AMM RAMOS-COSTA & LJ VITT. 1980. **Répteis das Caatingas.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências.